

SERGE GRUZINSKI

# A águia e o dragão

*Ambições europeias e mundialização  
no século XVI*

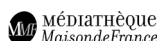
*Tradução*

Joana Angélica d'Avila Melo





*Cet ouvrage, publié dans le cadre du Programme d'Aide à la Publication 2014 Carlos Drummond de Andrade de la médiathèque, bénéficie du soutien du ministère français des Affaires étrangères et du Développement international.*



Este livro, publicado no âmbito do programa de auxílio à publicação 2014 Carlos Drummond de Andrade da mediateca, contou com o apoio do Ministério francês das Relações Exteriores e do Desenvolvimento Internacional.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

### *Título original*

L'Aigle et le dragon: Démesure européenne et mondialisation au XVI<sup>e</sup> siècle

### *Capa*

Tamires Cordeiro

### *Imagens de capa*

Acima: *O comércio de chá na China, 1790-1800*, óleo sobre tela, escola chinesa © Peabody Essex Museum, Salem, Massachusetts, EUA/ Bridgeman Images; abaixo: *Cultura Totonaca*, detalhe da nobreza totonaca negociando com mercadores astecas, 1950, mural de Diego Rivera (1886-1957)/ Palacio Nacional, Cidade do México, México/ Bridgeman Images. © Banco de Mexico Diego Rivera & Frida Kahlo Museums Trust, Cidade do México/ AUTVIS, Brasil, 2015

### *Preparação*

Lígia Azevedo

### *Revisão*

Huendel Viana

Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gruzinski, Serge

A águia e o dragão: ambições europeias e mundialização no século XVI / Serge Gruzinski; tradução Joana Angélica d'Avila Melo. — 1<sup>a</sup> ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Título original : L'Aigle et le dragon.

ISBN 978-85-359-2531-9

1. Comunicação intercultural — Século 16 2. História universal — Século 16 3. Ibérica, Península — Relações exteriores — Século 16 I. Título

14-12396

CDD-909

Índice para catálogo sistemático:

1. História universal : Século 16 909

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

# Sumário

Introdução .....	15
1. Dois mundos tranquilos .....	21
Os dois imperadores .....	22
A China de Zhengde e o México de Moctezuma .....	25
Zhongguo.....	27
Anahuac.....	32
Dois universos de pensamento .....	39
2. A abertura para o mundo .....	43
O mundo segundo os pochtecas .....	44
As frotas do imperador.....	45
As fronteiras da civilização .....	47
O mar .....	49
Uma história traçada de antemão?.....	52
3. Já que a Terra é redonda .....	55
Histórias paralelas .....	56

Histórias conectadas, ou a corrida às Molucas.....	57
O precedente colombiano.....	61
4. O salto para o desconhecido?.....	63
O Catai de Marco Polo .....	64
A preparação das viagens .....	67
Malaca, encruzilhada da Ásia .....	71
As Novas Índias ficam na Ásia? .....	73
O sonho asiático.....	76
O salto no vazio.....	77
5. Livros e cartas do fim do mundo .....	80
“Os livros deles são como os nossos” .....	81
“Existem impressores na China” .....	82
Americanismo e orientalismo .....	84
Cartas da China e do México .....	88
O olhar dos outros.....	93
A ilusão retrospectiva.....	95
6. Embaixadas ou conquistas? .....	97
Improvisações e trapalhadas .....	98
Grande desígnio lisboeta e intrigas caribenhas .....	101
A Ásia das especiarias, mas não o Novo Mundo .....	105
Desembarque português na costa da China .....	109
Desembarque espanhol na costa do México.....	112
Deslize de Cortés, intenções portuguesas.....	116
A marcha sobre Beijing (de janeiro ao verão de 1520) .....	121
A marcha sobre México-Tenochtitlán (de agosto a novembro de 1519).....	122
A opção pela desmesura .....	126
Bloqueios .....	129
O encontro com os imperadores .....	134

7. O choque das civilizações .....	142
Situações desconfortáveis .....	143
A morte dos imperadores .....	146
O segundo desastre português.....	151
A revanche dos castelhanos.....	156
O choque das civilizações .....	158
8. O nome dos outros .....	162
Um esquecimento bem estranho .....	163
Castilan! Castilan!.....	165
Bárbaros ou piratas? .....	168
Seres divinamente monstruosos .....	172
O inferno são os outros .....	174
Nomear os indígenas .....	176
Nomear os intrusos .....	178
Índios canibais e portugueses antropófagos .....	180
Invisibilidade portuguesa, exibicionismo castelhano .....	181
9. Uma história de canhões .....	183
A artilharia dos invasores .....	184
Pirataria chinesa .....	185
Um canhão para o além .....	188
Uma tecnologia do passado .....	192
Palavras para dizê-lo .....	194
10. Opacidade ou transparência?.....	197
A experiência ibérica .....	198
Os intérpretes .....	204
Lidar com as diferenças .....	208
A decifração das sociedades .....	212
11. As maiores cidades do mundo.....	214
A geografia ou a arte de espionar.....	215

As maiores cidades do mundo.....	219
Como Lisboa ou como Salamanca... ..	222
O olhar do conquistador .....	230
O triunfo póstumo da capital asteca .....	231
12. A hora do crime .....	235
A arte de desmanchar as sociedades.....	236
A vantagem das armas.....	242
Planos de conquista .....	244
A hora do crime ou a guerra sem misericórdia.....	249
O pós-guerra em Cantão .....	250
O projeto colonial.....	252
A rude aprendizagem da colonização .....	254
13. O lugar dos brancos.....	258
A visão dos vencidos .....	259
A pressão dos bárbaros.....	261
A alergia ao estrangeiro .....	264
Há lugar para o alienígena?.....	269
14. A cada um seu pós-guerra.....	272
Os irmãos da costa.....	273
Predação e asiaticização .....	277
Uma ilha mestiça.....	279
Caos mexicano.....	281
Americanizar-se ou asiaticizar-se .....	284
15. Os segredos do mar do Sul .....	287
A China da primeira volta ao mundo.....	288
As tentativas a partir da Espanha .....	289
A segunda vida de Hernán Cortés .....	290
Ambições de Cortés e consciência-mundo.....	295

“Os obstáculos interpostos pelo demônio”.....	298
Agora é a vez do vice-reinado.....	303
16. A China no horizonte .....	307
O caminho está livre .....	308
A linha de demarcação .....	310
O assunto espiritual do século .....	314
Uma base avançada.....	316
17. Quando a China despertar.....	319
Por que a guerra contra a China?.....	320
A guerra do jesuíta.....	325
A insuportável insolência dos chineses.....	327
“Os caminhos da guerra” .....	332
Quando a China despertar.....	335
Uma coisa tão nova... ..	338
A guerra da China não acontecerá .....	342
Conclusão: Rumo a uma história global do Renascimento....	346
Modernidades.....	350
Guinada para o Oeste e nascimento do Ocidente.....	352
Mapas	
A rota de Tomé Pires: Malaca-Beijing, junho de 1517-verão de 1520 .....	120
As rotas de Hernán Cortés no México.....	123
<i>Agradecimentos</i> .....	357
<i>Notas</i> .....	359
<i>Referências bibliográficas</i> .....	389

# 1. Dois mundos tranquilos

*O que me apavora na Ásia é a imagem de nosso futuro, por ela antecipada. Com a América indígena acaento o reflexo, fugaz mesmo ali, de uma era em que a espécie se encontrava na escala de seu universo.*

Claude Lévi-Strauss, *Tristes trópicos*

Em 1520, Carlos v, Francisco I e Henrique VIII são os astros ascendentes da cristandade latina. Regente de Castela desde 1517, sagrado rei da Germânia em 1520, Carlos de Gand nasceu com o século. Francisco I torna-se rei da França em 1515 e Henrique VIII, da Inglaterra em 1509.<sup>1</sup> Em Portugal, o velho Manuel, o Venturoso, ainda tem força suficiente para contrair novas núpcias, agora com a irmã do rei Tudor. Diante dos rivais franceses e ingleses, Carlos de Gand e d. Manuel alimentam ambições oceânicas que projetam seus reinos em direção a outros mundos. Em novembro de 1519, um aventureiro espanhol, Hernán Cortés, à frente de uma pequena tropa de infantes e de cavaleiros, entra em



México-Tenochtitlán. Em maio de 1520, uma embaixada portuguesa, de efetivos ainda mais modestos, penetra em Nanjing. É nessa cidade que o emissário Tomé Pires é recebido pelo imperador da China, Zhengde. Fontes coreanas assinalam a presença de portugueses no ambiente imperial, onde se teriam beneficiado com os serviços de um guia e de um intérprete, o negociante muçulmano Khôjja Asan.<sup>2</sup> Em México-Tenochtitlán e na mesma época, Hernán Cortés encontra Moctezuma, o chefe da Tríplice Aliança ou, se preferir, o “imperador dos astecas”.

## OS DOIS IMPERADORES

Primeiro, Zhengde. Em junho de 1505, em Beijing, Zhu Houzhaou sucedeu ao seu pai, o imperador Hongzhi, sob o nome imperial de Zhengde. Tendo subido ao trono aos catorze anos, o décimo imperador Ming morrerá em 1521.<sup>3</sup> Seu reinado foi depreciado pelos cronistas. Se dermos crédito a eles, Zhengde teria abandonado os assuntos do Estado para se entregar a uma vida de prazeres. Preferia viajar para fora da Cidade Proibida, deixando que seus eunucos predadores amealhassem fortunas.

Na verdade, Zhengde era um guerreiro que se esforçava para fugir à tutela da alta administração a fim de reatar com a tradição de abertura, para não dizer de cosmopolitismo, da precedente dinastia mongol, os Yuan. Passava a maior parte do seu tempo fora do palácio imperial e gostava de se rodear de monges tibetanos, clérigos muçulmanos, artistas oriundos da Ásia central, guarda-costas *jurchen* e mongóis, quando não frequentava as embaixadas estrangeiras de passagem por Beijing. Ele teria até proibido o consumo de porco para melhorar suas relações com as potências muçulmanas da Ásia central. Em 1518 e 1519, Zhengde conduziu pessoalmente campanhas militares no norte, contra os

mongóis, e no sul, em Jiangxi. Em 1521, decide liquidar um príncipe rebelde e manda executá-lo em Tongzhou. Sua imagem não sairá engrandecida desse episódio. Pelo menos, essa é a impressão deixada pelas crônicas oficiais e pelas gazetas aparecidas após sua morte, que são unânimes em fazer de seu reinado uma era de transtornos e de declínio (*moshi*). Êxodo de camponeses para as minas e as cidades, ascensão dos parvenus, revolução das tradições, “costumes locais varridos pelas mudanças”,<sup>4</sup> cobranças abusivas perpetradas pela administração, mal-estar e agitação da plebe, boom do contrabando com os japoneses — o balanço que a história oficial reteve não é muito brilhante. Sem contar as catástrofes naturais — a inundação e a fome de 1511 —, que ninguém hesita em lançar à conta da crise que atinge a sociedade. Ao mesmo tempo, são incontáveis as novas fortunas, a produção aumentou por toda parte e o comércio internacional é mais próspero do que nunca.<sup>5</sup>

Em 1520, o senhor da China, embriagado, cai do barco imperial nas águas do Grande Canal, a principal artéria que liga o norte ao sul do país. A febre ou a pneumonia que ele contrai após esse banho forçado o matará no ano seguinte, em 20 de abril, com trinta anos. Como a água é o elemento do dragão, alguns cronistas acreditaram que os dragões foram responsáveis pelo seu fim.<sup>6</sup> Alguns meses antes, criaturas estranhas teriam perturbado a calma das ruas de Beijing. Atacavam os passantes, ferindo-os com suas garras. Eram chamadas de “sombrias aflições”.<sup>7</sup> O ministério da Guerra se encarregou de estabelecer a ordem e os boatos se dissiparam. Zhengde, que sempre se mostrara curioso por coisas estrangeiras, havia encontrado os portugueses da embaixada pouco antes de morrer. Mas, aos olhos de seus contemporâneos e sucessores, o episódio permanecerá insignificante. Não lhe valerá o renome póstumo e trágico que se ligará à pessoa do *tlatoani* de México-Tenochtitlán, Moctezuma Xoyocotzin. Um filme feito em

1959, *Kingdom and the Beauty* [Reino e a beleza], em plena época comunista, não bastará para imortalizar as extravagâncias de um soberano que se disfarçava de homem do povo para se entregar aos prazeres.

De Moctezuma Xoyocotzin, sabem-se muitas e poucas coisas. Aqui, o tom muda. O universo asteca nos é ainda menos familiar do que o mundo chinês, e se recobre com um véu permanentemente trágico. De Moctezuma Xoyocotzin, índios, mestiços e espanhóis nos deixaram retratos parciais e contraditórios: era necessário, a qualquer preço, encontrar razões para a derrocada dos reinos indígenas ou para magnificar as proezas da conquista espanhola.<sup>8</sup> Neto e sucessor de Ahuizotl (1486-1502), Moctezuma nasceu por volta de 1467. É um homem idoso e experiente — à chegada de Hernán Cortés, já tinha passado dos cinquenta anos. Nono *tlatoani*, reina de 1502 a 1520 sobre os mexicas de México-Tenochtitlán; domina também Texcoco e Tlacopán, seus parceiros da Tríplice Aliança — as “três cabeças”. A tradição ocidental fez dele o imperador dos astecas.

Os cronistas lhe atribuem virtudes guerreiras que teriam sido manifestadas no início de seu reinado, mas ele não parece tê-las mobilizado muito contra os conquistadores. Teria reforçado seu domínio sobre as elites nobiliárias e remanejado os quadros do poder destituindo uma parte dos servidores de seu predecessor; teria modificado o calendário, um gesto cujo alcance será percebido mais tarde, e movido várias campanhas contra os adversários da Tríplice Aliança. Com um sucesso mitigado. A derrota que sofreu diante de Tlaxcala (1515) prova que não era necessário, em absoluto, ser espanhol nem possuir cavalos e armas de fogo para enfrentá-lo. Assim como seu colega chinês, o imperador Zhengde, Moctezuma mantinha um curral cheio de animais exóticos; também como o chinês, apreciava as mulheres. O cronista Díaz del Castillo confirma que ele era “isento de sodo-

mias”, já que os espanhóis sempre precisavam tranquilizar-se quanto a esse aspecto. Moctezuma pereceu executado pelos índios ou pelos espanhóis. As histórias redigidas após sua morte recheiam seu reinado com maus presságios que os “sacerdotes dos ídolos” teriam sido incapazes de decifrar e que mais tarde serão associados à conquista espanhola. Sua sorte lamentável inspirará filmes e óperas.<sup>9</sup> E lhe valerá, ao contrário de Zhengde, um lugar imperecível na história ocidental e no imaginário europeu.

Nada em comum entre esses dois imperadores, exceto pelo fato de ambos se terem visto implicados na mesma história. Em novembro de 1519, Moctezuma encontra os espanhóis em México-Tenochtitlán; alguns meses mais tarde, Zhengde trava conhecimento com portugueses em Nanjing. Antes, porém, de voltar a essa coincidência, uma palavrinha sobre o que a China e o México representam no alvorecer do século xvi.

#### A CHINA DE ZHENGDE E O MÉXICO DE MOCTEZUMA

Em 1511, os portugueses tomam Malaca e os espanhóis se apoderam de Cuba. As frotas ibéricas se encontram então a uma curta distância de dois gigantescos icebergs cuja face emersa se apresta a descobrir. Durante alguns anos ainda, o México e a China escaparão ao frenesi expansionista que impele as Coroas ibéricas e seus súditos.

As duas terras não possuem então, claro, nada em comum, exceto pelo destino de serem as próximas na lista dos descobrimentos... ou das conquistas hispano-portuguesas. E sobretudo a particularidade — aos nossos olhos de europeus — de ser o fruto de histórias milenares que se desenrolaram fora do mundo euro-mediterrâneo. China e México seguiram trajetórias estranhas ao monoteísmo judaico-cristão e à herança política, jurídica e filo-

sófica da Grécia e de Roma, sem com isso terem vivido voltados sobre si mesmos. É verdade que, à diferença das sociedades ameríndias, que se edificaram sem relação de nenhum tipo com o resto do globo, existiram contatos bastante antigos entre o mundo chinês e o Mediterrâneo (através da famosa rota da seda). Não esqueçamos, portanto, que a China teve constantes intercâmbios com uma parte da Eurásia, no mínimo acolhendo o budismo indiano, deixando-se durante séculos penetrar pelo islã ou compartilhando resistências imunitárias que, na hora do choque, faltarão cruelmente aos povos ameríndios.

O que é a China ou o México nos anos 1510? Se a China é de fato um império (embora alguns tenham preferido falar mundo chinês),<sup>10</sup> o México antigo não tem nada de um conjunto politicamente unificado. Os arqueólogos privilegiam a ideia, mais vasta, de Mesoamérica, a tal ponto a noção de México remete a uma realidade nacional surgida no século XIX, totalmente anacrônica na época de que estamos falando. Aliás, não se trata, aqui, de comparar a China ao México, mas de esboçar um rápido panorama desses lugares às vésperas da chegada dos ibéricos, descobrindo chaves que nos esclareçam sobre as reações chinesas e mexicanas por ocasião da intervenção europeia. Particularmente em âmbitos cruciais, sempre que se produz um choque de civilizações: a capacidade de se deslocar rapidamente por terra e por água, a arte de armazenar a informação e de fazê-la circular, o hábito de operar em escalas continentais e intercontinentais, a faculdade de mobilizar recursos materiais, humanos e militares diante do imprevisto e do imprevisível, uma propensão a pensar o mundo. Todos esses fatores, em parte técnicos, em parte psicológicos e intelectuais, exerceram um papel na expansão dos ibéricos: sem os capitais, os navios, os cavalos, as armas de fogo e a escrita, nenhuma expansão longínqua teria sido projetável, com tudo o que ela comporta de envio de homens e de material, de

apoio logístico, de campanhas de informação e de espionagem, de operações de extração e de transporte seguro das riquezas, e, o que é demasiadamente esquecido, de criação de uma consciência-mundo.

Todo inventário é sempre insatisfatório. Tal exercício é ainda mais no caso da Mesoamérica, porque, no terreno da memória, China e México antigo não se situam em iguais condições. Embora o afluxo repentino de espanhóis à sua nova conquista tenha inspirado uma plethora de relatos e de descrições, os tempos pré-colombianos permanecem amplamente opacos para nós, a despeito dos avanços às vezes notáveis da arqueologia. Os antigos mexicanos não tinham escrita, os chineses escreviam desde pelo menos 3 mil anos antes. O que significa que as fontes chinesas são abundantes, ao passo que, do lado americano, o historiador deve se contentar com depoimentos europeus ou com um punhado de narrativas indígenas e mestiças que o trauma da conquista e os constrangimentos da colonização deturparam irremediavelmente. Os mundos indígenas do século xv nos escapam sem dúvida para sempre. O mundo chinês ainda nos fala, e provavelmente nos falará cada vez mais.

## ZHONGGUO

Zhongguo, o país do meio... Diante do Novo Mundo e do resto do mundo, a China imperial bate recordes de antiguidade: o império chinês remonta ao terceiro milênio antes da era cristã com a dinastia dos Xia, ao passo que os impérios mexica e inca, para nos limitar aos mastodontes do continente americano, mal totalizam um século de existência no momento da conquista espanhola. A continuidade e a antiguidade, o gigantismo da China, seus recursos humanos — mais de 100 milhões, talvez 130 mi-

lhões de habitantes —<sup>11</sup> e suas riquezas incalculáveis: os ibéricos iriam descobrir tudo isso, com estupefação, e experimentar um incontestável prazer quando ouviam tais descrições, antes de reparti-las para o resto da Europa.

O império chinês é sobretudo uma colossal máquina administrativa e judiciária, com uma prática de séculos, que controla o país através de uma infinidade de mandarins, eunucos, magistrados, inspetores, censores, juizes e chefes militares. Ainda que, exceto nas fronteiras setentrionais e no litoral, o Exército só exerça um papel secundário. A máquina se renova com base em concursos de recrutamento que garantem a continuidade do poder entre a corte de Beijing, as capitais de província e os mais baixos escalões do império. Não há nobreza de espada nem grandes senhores, mas uma pequena nobreza fornecedora dos letrados que, tendo obtido sucesso nos concursos e contando com apoio familiar ou regional, empreendem uma ascensão ao término da qual um pequeno grupo, os mais dotados e os mais protegidos, se verá na capital imperial. Os 20 mil quadros da burocracia confuciana, os 100 mil eunucos podem dar a impressão, vistos da Europa ou do México, de uma administração pletórica.

Na realidade, a China do século xvi é um monstro notoriamente subadministrado.<sup>12</sup> Como em toda administração, a corrupção lubrifica as engrenagens nos pontos onde o controle imperial, muito longínquo, muito lento ou muito esporádico, se mostra ineficaz. Ela atinge o ápice no litoral meridional, que extrai do comércio com o estrangeiro grande parte de sua prosperidade. Os portugueses terão a frutífera experiência disso. Ninguém é perfeito; a gestão desonesta, as revoltas e o banditismo impossibilitam idealizar a burocracia celestial, mas convém reconhecer que ela é então, em todo o planeta, a única a poder enquadrar uma população e espaços tão consideráveis. É com essa burocracia que colide o poder do imperador: as liberdades que ele assume com os

rituais e as práticas da corte, suas veleidades militares, sua curiosidade pelos mundos exteriores e suas ambições universais desagradam aos letrados da administração, apegados a outros valores.

Mas a China é também um mundo de grandes comerciantes: grãos, sedas, sal, chá, porcelanas. O congestionamento crescente do Grande Canal, eixo essencial do comércio Norte-Sul, comprova a intensidade das trocas.<sup>13</sup> No limiar do século XVI, os comerciantes reforçam sua posição perante a pequena nobreza, que vê esses parvenus com maus olhos. Com suas atividades invasoras, eles abalam os princípios da moral confuciana, pois preferem as eventualidades e os compromissos do mercado ao mundo estável, organizado e saudável dos campos. Mas o modelo antigo ainda é tão pregnante que se impõe a essas novas classes. Os comerciantes de Huizhou, grandes exportadores de grãos e de chá, e felizes beneficiários do monopólio do sal, se esforçam para melhorar sua imagem agarrando-se ao universo dos letrados e dos altos funcionários.<sup>14</sup> Quanto à pequena nobreza, ela não consegue resistir aos produtos de luxo — porcelanas antigas, plantas e frutos exóticos — importados, muitas vezes de bem longe, por esses negociantes prósperos. A tentação é forte porque colecionar ou consumir coisas raras e preciosas sempre foi vital para os membros da pequena nobreza. É compreensível que a curiosidade despertada pelos objetos estranhos introduzidos pelos ibéricos venha a reforçar a criação de vínculos com os europeus e, por conseguinte, o contato entre os mundos.

O comércio, o correio e as tropas se beneficiam de uma rede de estradas, de um sistema de estações de muda, de uma malha de canais e pontes com densidade e eficácia surpreendentes para a época, em comparação com o que a Europa oferecia. Cavalos, palanquins, barcos de fundo chato percorrem o país. A qualidade das estradas, a quantidade de pontes — em pedra de cantaria ou flutuantes — fascinaram os visitantes europeus, que não credi-



tavam no que viam.<sup>15</sup> A importância da agricultura também os deixou espantados: plantações a perder de vista, nem um só pedacinho de terra não cultivado, multidões de camponeses em atividade nos arrozais.

O desenvolvimento da agricultura e das técnicas beneficia-se do avanço e da difusão do livro impresso, particularmente sensíveis no final do século xv. Publicar tornou-se então um empreendimento bastante lucrativo, e oficinas como o ateliê Shendu, no Fujian, transmitem a imagem de um país dinâmico e, em vários domínios, mais “adiantado” do que a Europa cristã. O boom da produção gráfica facilita a impressão e a reimpressão de obras-padrão, cânone confuciano, textos normativos como o código Ming e as ordenações do mesmo nome, histórias imperiais. Tal sucesso se explica também pela difusão da leitura. É inevitável pensar no aparecimento do texto impresso na Europa do século xv. Só que, na China, o texto impresso, “que permite abarcar o mundo a partir do aposento onde a pessoa se encontra”,<sup>16</sup> não tem nada de novidade nem de conquista recente, e, desde séculos antes, harmonizou-se com uma oralidade ainda predominante. Essa revolução antecede em muito os chineses do século xvi. O documento escrito é a ponta de lança de uma administração imponente para a época, alimenta uma intensa reflexão filosófica, mas também serve aos espíritos, às vezes contestadores, que dos confins das províncias expressam opiniões e reações às coisas do mundo. As gazetas florescem por toda parte, retransmitem notícias, divulgam técnicas e conhecimentos, em relação às diferentes regiões do império e registram os voos de dragões anunciadores de catástrofes.

Falar de “pensamento chinês” conduz invariavelmente a generalidades que revelam a diversidade das correntes e a originalidade das inovações. Desde o início do século xv, os candidatos aos exames têm à sua disposição compilações de textos neocon-

fucianos que devem assimilar perfeitamente. Esses escritos, como a *Grande suma sobre os quatro livros*, alimentam um pensamento ortodoxo herdado dos Song, difundido à escala do império e que orientará a reflexão dos membros da burocracia até o alvorecer do século xx. Mas seria um erro imaginar uma esfera intelectual exclusivamente ligada ao universo dos clássicos. A ortodoxia confuciana também vai ao encontro das influências do budismo, percorre tendências quietistas que privilegiam a experiência interior do espírito às custas da vida exterior, suporta derivas heterodoxas trazidas pelas transformações sociais da época. Cultura erudita e cultura popular se misturam como em toda parte, enquanto correntes sincretistas mesclam confucianismo, taoísmo e budismo na ideia de que esses três ensinamentos formam um só.<sup>17</sup> O primado atribuído à experiência espiritual sobre o corpus doutrinário explicaria esses fenômenos de convergência e essa fluidez das tradições religiosas.

No horizonte intelectual se destacam personagens fascinantes, entre os quais um dos mais notáveis é Wang Yangming (1472-1529), cujo pensamento domina o século xvi chinês. Ele enfatiza a intuição individual e insiste na predominância do espírito, pois o espírito é primordial na medida em que é unidade:<sup>18</sup> “O espírito do Santo concebe o Céu-Terra e os 10 mil seres como um só corpo. Aos seus olhos, todos os homens no mundo — quer sejam estranhos ou familiares, distantes ou próximos, desde que tenham sangue e respiração — são seus irmãos, seus filhos”. Portanto, é preciso “unir-se indissolavelmente aos 10 mil seres”. Intimamente convencido de que “conhecimento e ação constituem uma só coisa”, Wang Yangming prega também a necessidade de um pensamento engajado. Outras correntes reagem à ortodoxia confuciana buscando a unidade através do *qi* e afirmando que neste mundo só existe energia (Wang Tinxiang, que morre em 1547). Aparecem até tendências mais radicais em torno de um

personagem como Wang Gen (1483-1541), fundador da escola de Taizhou, na qual as pessoas se dedicam à livre interpretação dos textos confucianos. As terras chinesas não têm muito o que invejar na Europa de Erasmo e de Lutero.